

A Cerimônia de Posse do 44º Presidente dos EUA-Estados Unidos da América – Barack Obama: um Ritual de Agregação.¹

Dados da autora:

Mariângela Benine Ramos Silva

Docente do Curso de Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina -UEL.

Resumo: Discute as implicações políticas das manifestações simbólicas dos ritos, rituais e cerimônias em eventos realizados nas organizações e para tanto, fez-se a análise de um grande evento – *o ritual de posse do 44º Presidente dos EUA-Estados Unidos da América – Barack Obama, um ritual de agregação*, de grande impacto na sociedade contemporânea. O referencial teórico reve as discussões e inovações a respeito da temática e ainda, possibilita a compreensão e ampliação dos conceitos sobre ritos, rituais e cerimônias, cultura, cultura organizacional, poder e política nas organizações. Para a coleta de dados utiliza-se de análise de documentos em veículos de comunicação que realizaram a “cobertura” da cerimônia de posse, no mês de janeiro de 2009. Finalmente, apresenta uma análise do ritual da cerimônia de posse baseada na programação do evento, focalizando com atenção cada uma de suas peças.

Palavras-chaves: Ritos; Rituais; Cultura; Cerimônia de Posse; Ritual de Agregação.

¹ Trabalho Apresentado ao GT ABRAPCORP 6 - Comunicação pública, governamental e política do III ABRAPCORP 2009, congresso celebrado no 28, 29 e 30 de abril de 2009, em São Paulo (SP).

O objetivo deste artigo é discutir as implicações políticas das manifestações simbólicas dos ritos, rituais e cerimônias em eventos realizados nas organizações públicas e privadas, visando aprofundar a crítica necessária para que profissionais da área de comunicação analisem as estruturas de poder, símbolos, rituais, ritos, cerimônias, linguagens, que se inserem nos eventos onde se perpetuam valores da ideologia dominante devido a agregação de valores culturais, traços sociais, econômicos e culturais inerente a cada tipo de sociedade. Em decorrência deste estudo fez-se a análise de um grande evento – **o ritual de posse do 44º Presidente Eleito dos EUA – Estados Unidos da América, Barack Obama**, que se constitui num Ritual de Agregação, e que sem dúvida, tem um grande impacto na sociedade contemporânea.

O interesse por esse estudo deve-se ao percurso profissional da autora, além da sua participação e observação direta na realização de cerimônias, onde os ritos e rituais são apresentados. A experiência adquirida ao longo dos anos indicam dificuldades em utilizar um conhecimento nem sempre sistematizado e claro sobre as cerimônias que a sociedade utiliza e reproduz para festejar fatos de importância para sua manutenção ou renovação. Desta maneira, as vivências no planejamento, organização e execução de eventos são etapas que motivaram o presente estudo com fins de entender os elementos que a sociedade cria como mantenedores de sua própria cultura e a dinâmica necessária para sua renovação. Verifica-se na prática, não raramente a existência de conceitos diversos e contraditórios acerca dos ritos e rituais, elementos constitutivos imprescindíveis para a realização de cerimônias.

Tanto o protocolo como o cerimonial são prolongamentos de outras áreas do conhecimento, como a antropologia cultural, a sociologia, a semiótica, entre outras e que caracterizam qualquer tipo de evento. É fundamental que os profissionais de comunicação identifiquem quais formas de comunicação são valorizadas pelas pessoas nas organizações e, a partir daí, evidenciem caminhos para uma reflexão e ação no intuito de integrar as relações organizacionais, aproximar pessoas, construir história, tornando a comunicação efetivamente estratégica.

Numa sociedade onde a imagem pública e privada constitui um fator preponderante de prestígio, credibilidade e liderança, esses elementos estão cada vez mais permeando nossas vidas, nossas formas de agir, de decidir, sob a vigilância de uma sociedade atenta e fiscalizadora. Os ritos, rituais e as cerimônias passam a ser elementos estratégicos a serviço da construção e consolidação das imagens das organizações, apoiadas na credibilidade e aceitação social das ações e realizações desenvolvidas. Os ritos e rituais têm suas próprias funções, ou seja, *marcam transições* ao assumir novos hábitos e responsabilidades, além de

fazerem parte do processo civilizatório da humanidade. Quando se pensa em ritos, rituais e cerimônias, duas idéias vêm à mente: por um lado, a noção de que é algo formal e arcaico, quase desprovido de conteúdo, algo feito para celebrar momentos especiais e nada mais; por outro, pode-se pensar que estão ligados apenas à esfera religiosa.

Porém quando se busca por explicações sobre as idéias que se têm desses temas pode-se igualmente pensar o porquê de os rituais estarem geralmente associados a momentos apenas formais ou religiosos do nosso cotidiano. Segalen se preocupa com o que considera uma difusão abusiva dos termos rito e ritual, e os define como:

[...] um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. O uso do ritual é paralelo ao aparecimento da humanidade. (SEGALEN, 2002, p.31).

Os ritos podem ser vistos como algo que não se resume em repetições das coisas reais e concretas do mundo rotineiro. Como coisa real e concreta entende-se o que pode ser materializado e simbolizado. Exemplo disso é a troca de presentes entre personalidades de diferentes culturas ou como o aperto de mão entre duas pessoas que se saúdam. Esse protocolo é uma forma de comunicação na qual os participantes do processo denotam uma mensagem diplomática. Remetem ainda ao protocolo elementar significativo de boas relações entre povos, governos ou grupos. Daí a importância desse estudo e sua inserção na prática das Relações Públicas consideradas em seus variados modos de desenvolver relacionamentos estratégicos. Os ritos, rituais, cerimônias, são elementos atuam estrategicamente para institucionalizar feitos e realizações no âmbito das organizações, agregando-lhes valores culturais e prestígios políticos.

Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica com o objetivo de rever as discussões e inovações a respeito do tema. Esta técnica foi escolhida por fornecer referências ao objeto de estudo, pois acredita-se que com a pesquisa bibliográfica poder-se-á evidenciar as justificativas da utilização dos ritos, rituais e cerimônias pelos profissionais de Relações Públicas e Comunicação nas organizações com seus públicos. Percebeu-se nesta revisão, a necessidade de informações de outras áreas que pudessem fundamentar a base de informações centrada nas áreas de comunicação, relações públicas, antropologia e sociologia.

Esta metodologia tem por objetivo levantar o que já foi escrito sobre o assunto, obtendo as informações necessárias que permitam fornecer respostas para os objetivos propostos. Gil (1996, p.49) considera a principal vantagem da pesquisa bibliográfica “o fato

de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Várias fontes de referência foram encontradas. Leituras exploratórias e seletivas foram realizadas, o que em um primeiro momento considerou-se como informações fragmentadas, a partir da diversidade de livros, artigos, revistas, entre outros consultados, em razão da amplitude dos conceitos. Como segundo ponto deve-se esclarecer que a grande maioria dos autores, em virtude dos diferentes assuntos abordados, não apresentavam uma predominância ou relação direta com a atividade de Relações Públicas e Comunicação em relação as implicações políticas dos ritos, rituais e cerimônias nas organizações.

Em um segundo momento, trata-se de uma pesquisa exploratória, que se apóia em análises documentais e bibliográficas, buscando sistematizar o assunto desenvolvido por outros autores de forma a atingir os objetivos propostos. Neste estudo, fica evidente que a pesquisa documental é a mais indicada para esta pesquisa, em função de que será analisado uma cerimônia no contexto em que ela acontece, possibilitando a compreensão da sua utilização pelos profissionais de Relações Públicas e Comunicação.

A unidade de análise da pesquisa foi constituída por documentos impressos e audiovisuais de veículos de comunicação que realizaram a “cobertura” *da cerimônia de posse do 44º Presidente dos Estados Unidos da América – EUA, Barack Hansen Obama*, no mês de janeiro de 2009. A unidade de análise da pesquisa apresenta uma amostra intencional. Conforme Mattar (1996, p.133), “[...] a suposição básica da amostra intencional é de que, com bom julgamento e uma estratégia adequada, podem ser escolhidos os casos a serem incluídos e, assim, chegar a amostras que sejam satisfatórias para as necessidades da pesquisa. Neste sentido, foram analisadas matérias veiculadas nos jornais impressos. Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo, e no Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, escolhidos pela credibilidade e abrangência, e ainda, por possuírem correspondentes nos EUA. Os dados foram coletados no período de 20 de dezembro/2008 à 30 de janeiro/2009. Primeiramente foram selecionadas as mídias que serviriam de base para análise posterior. As matérias que serviram de base para análise do objeto de estudo são aquelas cujos textos contemplam exclusivamente *a cerimônia de posse do 44º Presidente dos Estados Unidos da América – EUA, Barack Hansen Obama*, ocorrida em Washington em 20 de janeiro de 2009. As informações foram analisadas conforme apresentado neste estudo, com teor exclusivamente qualitativo, condizente com os objetivos propostos.

A opção por investigar este ritual foi o fato de apresentar-se impregnado de representações de poder, cultura, dualidades, expectativas políticas, econômicas e substantiva

significação. Todos os símbolos, dos mais evidentes aos mais acobertados, são imprescindíveis para a compreensão do que está sendo objeto de ritualização. Para abordar a passagem de uma determinada posição a outra, ou seja, do Obama, negro, preocupado com questões raciais, trabalhador em comunidades em desenvolvimento, promotor de mudanças — para o Obama, maior autoridade da maior potência do planeta. (presidente dos EUA). Como método utilizei analisar o ritual sequencialmente, baseado no cronograma e/ou programação do evento, focalizando com atenção cada uma de suas peças, onde todas são importantes para a formação tanto da figura final quanto do fenômeno ritual. Todos os momentos (antes e depois) e movimentos revelam-se importantes para uma minuciosa compreensão da cerimônia.

OBAMA E O CONTEXTO POLÍTICO

Barack Hussein Obama Jr., primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América traz em seu nome e, em seu sangue, as origens americana, muçulmana e africana (queniana). Barack significa “abençoado” em árabe. Frequentou o Occidental College de Los Angeles, que possibilitou seu ingresso na Columbia University em Nova Iorque, onde se formou Bacharel em Ciências Políticas em 1.985. Pouco depois, partiu para Harvard, onde se formaria em Direito (Doutorado), em 1991. Lá, ele viveu dois momentos cruciais: trabalhou numa grande firma de advocacia em Chicago e conheceu outra graduada de Direito em Harvard, Michelle Robinson, que se tornaria sua esposa em 1992 e a mãe de suas duas filhas, o outro foi um triunfo pessoal: Obama chegou às manchetes quando foi eleito o primeiro presidente negro do *Harvard Law Review* (uma espécie de jornal mensal para os acadêmicos da universidade de Harvard), talvez a mais prestigiada publicação jurídica do país.

Obama dedicou-se ao ativismo comunitário, deu aulas na universidade e trabalhou como advogado de direitos humanos antes de iniciar a sua corrida a um cargo público. Foi em 1993 que começou a lecionar na Universidade de Direito de Chicago e em 1995 publicou seu primeiro livro: *Dreams of My Father* (Origem dos meus sonhos, Ed. Gente) e nele fala da sua meninice passada entre Honolulu e Jacarta. Em 1996, ele foi eleito para o cargo no Parlamento estadual representando *Hyde Park* - a região em *South Side* que inclui a universidade e alguns bairros bastante pobres. Obama ajudou a mudar as leis sobre pena de morte, ética e perfil racial, e ganhou crédito de impostos para trabalhadores pobres. Em 2000 tentou sem sucesso a Câmara dos Representantes. Obama decidiu então ficar pelo senado estadual, sendo reeleito em 2002. Mas, Washington continuava a ser a sua meta, e em 2004 conseguiu uma das duas cadeiras no senado pelo partido Democrata. Assim, tornou-se

Senador do Estado de Illinois, cargo que ocupou até 2004. Foi eleito para o Congresso dos EUA nesse mesmo ano, principalmente por ser contra a invasão do Iraque.

Em 2006, publica seu segundo livro: *The Audacity of Hope* (A Audácia da Esperança, ed. Larousse do Brasil). No ano de 2007, lança-se candidato à presidência dos EUA. Nas prévias democratas, concorreu com a ex-primeira dama, e senadora Hillary Clinton. Percebendo a ascensão de Obama, Hillary desistiu da vaga declarou apoio a Barack Obama. Em seus discursos, apostou na insatisfação da população com a política do então presidente George W. Bush, deixando claro a sua preocupação com o sistema de saúde, posicionando-se a favor do fim da guerra do Iraque e do uso de diplomacia para com o Irã, e a favor do desarmamento nuclear. Em novembro de 2008 vence o candidato republicano e é eleito o primeiro presidente negro dos EUA.

Barack Obama assume como o Presidente mais endividado da história recente dos EUA. O déficit fiscal pode atingir em 2009 mais de um trilhão de dólares, devendo ultrapassar 10% do produto interno bruto. A dívida pública também atingiu um nível recorde, 50,5%, superior inclusive à dívida pública brasileira que, em 2008 ficou 34,9% do PIB. Em 2008, mais de três milhões de americanos foram despejados de suas casas por não conseguirem pagar suas prestações. A “Bolha” imobiliária deixou dois milhões sem casa e rombo em bancos que podem chegar a dois trilhões de dólares; quase seis milhões de famílias perderam seus imóveis nos últimos três anos. Mesmo com todos os problemas decorrentes da crise financeira, os Estados Unidos da América ainda são o país mais poderoso do mundo. Formado por 67% de brancos, 14% de hispânicos, 13% negros, 5% de asiáticos e 1% de outras raças e etnias e por uma população predominantemente protestante (50,1%), possui o maior Produto Interno Bruto (13,8 trilhões de dólares).

Espera-se com a posse de Obama: a volta do multilateralismo na política externa; reformas em setores como saúde, política energética e meio ambiente; mudança radical na questão racial; maior intervenção do Estado e transparência na economia, e uma tentativa de unir os EUA em torno de uma agenda interna de profundas. O presidente eleito usou o saldo político obtido na eleição para dizer à grande fatia que o elegeu: *confie em mim, eu farei a mudança*. Segundo declarou no seu último pronunciamento antes da posse, ao falar no Lincoln Memorial, em Washington, *Os Estados Unidos vão superar seus problemas*.

Uma especificidade que tipifica e diferencia o ritual de posse de um presidente de outros rituais que marcam passagem de uma posição social para outra, é que esse ritual não tem um cerne propriamente dito, ou seja, um momento central e único onde a posse se configura. Na realidade, é constituído por um conjunto de pequenos atos simbólicos. Neste

sentido, desde os instantes que precedem “o durante” e ao longo de toda a realização do rito, o que existe de rotineiro na vida social vai, paulatinamente, sendo afastado. Esta saída do rotineiro e ingresso na nova posição (status social) é preenchida pelo simbolismo ritual, que faz a passagem da primeira a segunda situação. Durante a realização de uma parte da cerimônia de posse, o ritual de investidura, as promessas de campanha, o sistema de alianças feitas pelo candidato vitorioso, às lutas políticas que enfrentou e os obstáculos vindouros vêm à tona, encobertos pelo simbolismo presente no espetáculo.

No sentido considerado há inúmeras questões, politicamente relevantes, que não foram abordadas nos limites desta análise, por extrapolar seus propósitos básicos. Mas, entre os propósitos deste exercício de análise de um rito, é fundamental destacar algumas evidentes dualidades e incertezas presentes na própria figura encarnada pelo candidato vitorioso e em seu partido. Obama, é um idealista negro, com o desejo de concretizar o que Martin Luther King pregava: um país igual para todos e que ficou marcado pela frase: *Eu tenho um sonho*. Seu partido sempre se apresentou como representante do trabalho em oposição ao capital e agora estaria preparado para governar. A vitória nas urnas significava, portanto, um novo rumo para o país, compromisso com a mudança, a construção de um futuro menos desigual, onde a *esperança venceu o medo*.

O novo presidente representa para a maioria do povo americano e mundial um cidadão que passou por situações determinadas que poderiam ser ou são vivenciadas por esta mesma maioria. Foi organizador de comunidade e cresceu em ambiente de grande diversidade étnica e racial. Esta peculiar biografia é que legitima e agrega mais ainda o líder aos anseios populares. No entanto, só resta um ritual e seus símbolos para selar na história um presidente como é o caso de Barack Obama, que segundo Gideon Rachman, (2009, p.A10.) “[...] o homem é a mensagem. Obama inspira não por conta de qualquer coisa que diga, mas simplesmente por ser o que é”.

O RITUAL E A CERIMÔNIA DE POSSE DE OBAMA

A posse de Barack Obama como presidente de número 44 dos Estados Unidos incluiu uma série de cerimônias oficiais, que começaram sábado, na Filadélfia.

Sábado, 17 de janeiro de 2009: 10h5 (13h5 em Brasília) Barack Obama deu início a uma viagem histórica, fazendo o mesmo percurso de Lincoln, 150 anos atrás, antes de assumir a presidência. Obama e a família partiram da estação da rua 30, em Filadélfia, cidade onde foi redigida a Constituição americana, ou seja, o berço da independência americana, para Washington, um percurso de 220 quilômetros. Antes do embarque, Obama fez um discurso e

pediu que os americanos se unam em torno de uma nova declaração de independência, disse “independência também em nossas vidas para nos libertarmos da ideologia, da visão estreita, do preconceito e do egoísmo”. Acompanhado do vice-presidente Joseph (Joe) Robinette Biden e uma comitiva de 41 convidados de diferentes profissões, regiões e cidades, o trem passou por Baltimore (Maryland), onde foi escrito o Hino Nacional, e teve como destino a *Union Station* de Washington, que fica a três quadras do Capitólio, aonde chegou perto das 19h (22h de Brasília).

Domingo, 18 de janeiro de 2009: O presidente eleito dá sinal de largada para as cerimônias na escadaria diante do monumento Lincoln Memorial, onde o líder negro Martin Luther King fez seu célebre discurso "Eu tenho um sonho" ("*I have a dream*"). Com público estimado de 750 mil pessoas que aglutinadas disfarçavam o frio perto de 0°C, um show aconteceu com a participação de artistas, como Bono, Beyoncé e Garth Brooks, e serviu para ratificar mais uma vez a euforia popular com o qual Barack Obama assume a Casa Branca. No memorial, Obama disse para a multidão: “Vocês vieram por acreditar no que esse país pode ser e vão nos ajudar a chegar lá”.

Segunda-feira, 19 de janeiro de 2009: Os casais Obama e Biden participaram das atividades em memória de Martin Luther King, no chamado “Dia do Serviço Comunitário”, quando os Estados Unidos celebram a memória do líder negro assassinado. Ele pediu que os americanos comemorassem a data fazendo trabalhos voluntários em Escolas, Igrejas, Centros de Assistência. Logo após, numa escola, foi recebido com música pelos estudantes. À noite aconteceu o grande "baile da juventude", com entrada livre e gratuita. Além disso, houve jantares em homenagem a três cidadãos que consagraram suas vidas ao serviço público "sem espírito partidário": o senador e candidato presidencial republicano derrotado John McCain, o general Colin Powell e o vice eleito, Joe Biden.

Terça-feira, 20 de janeiro de 2009: 8h (11h de Brasília) - Obama e sua esposa, Michelle, foram levados de carro até a igreja Episcopal St. John, conhecida como a Igreja dos presidentes, para uma cerimônia de cerca de uma hora. O casal presidencial estava acompanhado pelo vice eleito, Joe Biden, e sua esposa Jill, e, em seguida ao ofício, foram à Casa Branca para um café com o presidente George W. Bush e o vice Dick Cheney. Às 9h (12h de Brasília), Obama e Michele foram recebidos por George W. e Laura Bush que se despediam da residência oficial. Uma hora depois saíram numa limusine blindada considerada a mais segura de todos os tempos e seguiram para o Capitólio, o Congresso dos EUA, para a cerimônia de posse. Às 10h (13h de Brasília) começou a cerimônia de posse diante do Capitólio. Inicialmente um programa musical e logo após uma oração do pastor evangélico

Rick Warren. Depois da oração do pastor, Aretha Franklin, de 66 anos, cantou para o novo presidente. O vice-presidente Joe Biden fez seu juramento, perante o juiz do Tribunal Supremo John Paul Stevens. Em seguida show de John Williams. A poetisa Elizabeth Alexander, nascida no Harlem, declamou um poema. Logo após, o reverendo Joseph E. Lowery pronunciou uma bênção seguida do Hino Nacional cantado pela banda "Sea Chanters", da Marinha americana. 12h6 locais (15h6 de Brasília) - antes mesmo de prestar juramento, ao meio-dia (15h em Brasília), ao ar livre, diante do Capitólio, sede do Congresso Obama se tornou presidente oficialmente, seguindo o que diz a Constituição do país. Ele prestou juramento com a mão sobre a mesma Bíblia usada em 1861 por Abraham Lincoln. O juramento foi feito diante do presidente da Corte Suprema dos EUA, John Roberts. Após o juramento, uma salva de 21 tiros seguida dos hinos *Rufle and Flourishes*, executado pela banda do Exército dos EUA, e *Hail to the Chief*, pela banda da Marinha. Logo em seguida, o discurso de posse, chamado o "renascer da liberdade" de durou 20 minutos. Após o discurso, houve um concerto do quarteto composto pelos músicos Itzhak Perlman (violino), Yo-Yo Ma (violoncelo), Gabriela Montero (piano) e Anthony McGill (clarinete). A cerimônia no Capitólio terminou após os juramentos, orações e canções. No fim da cerimônia, Obama levou Laura e o agora ex-presidente americano George W. Bush até o helicóptero militar que levou o casal para o Texas. Por volta das 16h, no horário de Brasília, o presidente Barack Obama e a primeira-dama, Michelle, saíram para almoçar com os congressistas, 200 convidados no total. 19h, no horário de Brasília, Obama participou da parada que seguiu do Capitólio até a Casa Branca, passando pela Avenida Pensilvânia. Houve ainda, desfile de fanfarras de todo o país até a Casa Branca. Dez bailes oficiais em honra ao novo presidente foram organizados durante a noite.

O *ritual de posse* teve a duração de mais de três dias. Fiz uma análise de todas estas etapas, chamando a atenção para as categorias simbólicas que lhe dão significado. A *cerimônia de posse de Barack Obama como o 44º presidente dos EUA*, em 20 de janeiro, que foi chamada de "o Woodstock de Washington" (em alusão ao famoso festival de rock), tornou-se um grande desafio logístico e político para os organizadores.

Era preciso acertar o tom correto, com a grandiosidade que a ocasião merecia, mas sem um glamour excessivo que pareça frívolo para um país em guerra e em meio a uma das piores crises econômicas de sua história. A expectativa era de que a cerimônia bateria de longe o recorde de público em posses presidenciais nos EUA, de Lyndon Johnson em 1965, com 1,2 milhão de pessoas. As estimativas variaram muito, mas algumas projeções indicava

que haveria uma multidão de mais de 4 milhões em Washington para tentar ver ou participar das solenidades e eventos que compuseram a posse.

As vagas em hotéis na capital americana entre 19 e 21 de janeiro foram esgotadas várias semanas antes, e os moradores de Washington e das cercanias alugaram desde sofás por dez dólares a noite até luxuosas casas por três mil dólares para os visitantes. Os organizadores queriam que a cerimônia de posse fosse a mais acessível possível à população, e uma novidade foi que o *National Mall*, um parque retangular, foi aberto ao público e recebeu dez telões que exibiram o espetáculo. O Mall é a continuação do espaço em frente à face oeste do Capitólio, onde o novo presidente foi empossado em cerimônia ao ar livre. Foi lá que Obama fez seu primeiro discurso como presidente dos EUA.

Os ingressos para esse espaço contíguo ao Capitólio foram distribuídos gratuitamente por senadores e deputados no início de janeiro, mas já vinham sendo vendidos antecipadamente por pessoas que estavam certas de recebê-los. Houve casos de ingressos cotados em milhares de dólares, o que levou sites de vendas como o eBay a proibir a sua negociação. A multidão sem ingressos se aglomerou ao longo do *National Mall*.

O que não faltou entre os eleitores mais engajados de Obama foram celebridades do show business ou de Hollywood, como Oprah Winfrey, Ben Affleck, Barbra Streisand e Stevie Wonder, entre outros. Há uma antiga tradição em Washington de se comemorar a posse presidencial em bailes e esse número pode chegar a várias dezenas. Mas apenas dez foram serão considerados oficiais pelo Comitê Presidencial da Posse.

Centenas de milhares de pessoas enfrentaram o frio e lotaram o Washington's Mall, uma multidão que se estendeu por cerca de três quilômetros desde o Capitólio até o Memorial Lincoln, no rio Potomac, e pela Avenida Pensilvânia até a Casa Branca.

Na segurança, cinco mil policiais, dez mil soldados, além de agentes do serviço secreto na terra, no mar, no céu e no alto dos prédios, garantiram que a festa fosse histórica e tranquila. O esquema de segurança foi minuciosamente planejado, com a ajuda de satélites, agentes monitoravam cada metro quadrado de Washington. Equipes especializadas estavam de prontidão até para o caso de um ataque terrorista ou químico. Durante a cerimônia de posse e a parada, caças sobrevoaram a área e barcos da Guarda Costeira, equipados com metralhadoras, patrulharam o Rio Potmac. Foram instalados detectores de radiação, armas químicas e biológicas em locais estratégicos. Em um perímetro de quatro quilômetros em torno do local da cerimônia, ninguém entrou sem ter sido revistado e passado por detector de metais.

A festa de posse teve coordenação do Comitê Presidencial da Posse. O comitê, comandado diretamente por Obama e seu vice, Joe Biden, é responsável por alguns dos eventos, como os bailes e o desfile entre o Congresso e a Casa Branca, após a posse em frente ao Capitólio, e de um almoço no prédio com os congressistas. Mas, em termos institucionais, é o Comitê Conjunto do Congresso o principal organizador do evento, pois é responsável pela cerimônia no Capitólio, onde o presidente eleito presta o juramento e é investido em suas novas funções. O comitê usou os shows como um atrativo para a massa, além de incorporar à ocasião um clima de festa. Outro elemento que deve ser avivado é a inversão do cotidiano, ou seja, aquele local que em dias normais é um local de grandes decisões (influenciando o destino do país) e que exige seriedade, se transformara em uma festa cercada de expectativas pelas mais curiosas vestimentas e atitudes por parte do público presente:

Na cerimônia de posse do presidente norte-americano, um dos símbolos mais importantes do ritual foi a bíblia usada por Obama, a mesma usada em 1861 por Abraham Lincoln. O livro é parte do acervo da Biblioteca do Congresso e embora não exista obrigação constitucional para o uso de uma bíblia no juramento, devido ao laicismo do Estado, a prática é uma tradição. O rito de posse, possuindo vários atos simbólicos, e sendo investigado sequencialmente permite detectar categorias dos ritos de passagem:

Dada à importância dessas passagens, acredito ser legítimo distinguir uma categoria especial de Ritos de Passagens, que se decompõem, quando submetidos à análise, em Ritos de separação, Ritos de margem e **Ritos de agregação**. Estas três categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em nenhum mesmo conjunto cerimonial. [...] por conseguinte, o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles quer no grau de elaboração que apresentam. (Van Gennep, 1978: 31)

Especificamente, na posse de um presidente norte-americano podemos analisar essas categorias secundárias relativamente. No momento em que Obama segue para a Casa Branca desenvolve-se um forte caráter de liminaridade, Obama está entre o povo e o poder. O juramento feito por Obama não separa o povo do poder (representado por Obama), mas sim personifica no presidente a figura do povo, seu maior representante (um milagre simbólico típico dos sistemas políticos onde há legitimidade). A tensão que existe é que o povo se sente no poder, e contraditoriamente, não se sente no poder. E é nas palavras de Obama que a passagem do poder se concebe para o povo e, findando, o poder investido na pessoa de Obama é agregado ao povo.

No instante em que Obama faz o juramento é onde ocorre legalmente a posse. O texto do juramento, de 35 palavras prescrito na Constituição diz: “*I, (...), do solemnly swear that I will faithfully execute the Office of President of the United States, and will to the best of my Ability, preserve, protect and defend the Constitution of the United States*”. No juramento Obama disse: “Eu, Barack Hussein Obama, juro solenemente cumprir fielmente as funções de Presidente dos Estados Unidos e, com todos os meios ao meu alcance, salvaguardar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos. E que Deus me ajude” (*so help me good*).

Este juramento fez parte da posse de todos os presidentes, e a tradição diz que o primeiro líder do país, George Washington, teria incluído a menção a Deus no final, em 1789. Apesar da polêmica, em que ateus pediram que não houvesse menções religiosas no juramento, Obama incluiu o "so help me Good" (com a ajuda de Deus, em tradução livre). Com este breve juramento, sobre a bíblia, de defender e seguir a constituição, invocando Deus, Barack Obama calou os milhões de pessoas presentes à posse, um silêncio respeitoso tomou conta da esplanada. Ao final Obama foi ovacionado mais uma vez, ele já era oficialmente o 44º presidente americano.

Interessante notar que um país como os EUA não possuem em seu protocolo, normas rígidas quanto à cerimônia de posse presidencial, como temos por exemplo no Brasil, onde a mesma é regulamentada pelo DECRETO Nº 70.274, de 9 de março de 1972, que aprova as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência. E mais especificamente “Da Posse do Presidente da República”, no capítulo II, Art. 37-50. Destaca-se porém, na cerimônia norte-americana a sobriedade do protocolo, sem aquelas “pompas e circunstâncias”.

Roberto DaMatta, (2009, p.D8), fala do contraste entre o que acontece no Brasil e nos EUA:

A mim impressiona como, entre nós, um processo ritual complicado: diplomação, discurso, assinatura da posse e a passagem na faixa presidencial contrasta com o breve juramento de defender e seguir a constituição em cima da Bíblia, invocando Deus, mas não Jesus Cristo e muito menos a Virgem Maria dos americanos.

O dia da posse, dentro do sistema da democracia representativa, constitui um evento político ainda pouco explorado mas muito significativo, por causa da sua dimensão cerimonial. Trata-se de um ritual que, na seqüência de uma longa e freqüentemente dividida campanha eleitoral, momentaneamente apaga os conflitos e cimenta a união nacional (DAYAN & KATZ, 1983, p.3-97). Nesse sentido, a cerimônia de posse representa a transfiguração de um simples candidato de um partido, que obteve a maioria de votos mas não a sua totalidade, em um legítimo representante de *toda* uma nação. Assim, mais do que a

afirmação simbólica da democracia representativa, a cerimônia criada em torno da posse reforça o compromisso de todos os cidadãos em torno dessa democracia.

O evento da posse presidencial se caracteriza por um ritual de transição de poder que, por sua própria natureza excepcional, permite uma suspensão temporária da ordem cotidiana. Trata-se de um evento regido pelo seu valor simbólico: todas as suas partes valem pelo que significam. Os meios de comunicação, por meio dos jornalistas, abarcam para si o papel fundamental de imortalizar o acontecimento, de mediar o evento e transportá-lo do espaço físico para o imaginário. (DAYAN & KATZ, 1983, p. 83-97).

No caso da investidura de Obama, o rito junta o mortal, marcado por seu programa, partido e momentos, a um cargo exclusivo que a ele sobrevive e não pertence a nenhuma pessoa, corporação ou partido político, mas à coletividade – a um estado nacional que, por meio do voto, confia-lhe a incumbência por um período de tempo determinado. É o que distingue um presidente eleito dos reis, dos ditadores e dos caudilhos. (ROBERTO DA MATTA, 2009, p.D8).

Nos EUA, a cerimônia de posse é regida por “tradições”, como por exemplo: nenhum chefe de Estado é convidado, só os Embaixadores e convidados especiais como os que estavam na tribuna presidencial do Capitólio: os ex-presidentes dos EUA vivos: George W. Bush, Bill Clinton, George H. W. Bush - pai do ex-líder - e Jimmy Carter. Todos eles estiveram acompanhados por suas esposas. Também parentes do presidente, membros do gabinete, Senado, Câmara, além de ministros da Suprema Corte.

Na cerimônia da tarde (20 de janeiro de 2009), durante o desfile do Congresso até a Casa Branca, Obama quebrou a tradição. Ao lado de sua esposa Michelle, eles desceram da limusine blindada e seguiram a pé por dois quarteirões. Junto com o vice Joe Biden, e mulher, Jill, acenaram para o público (cerca de 300 mil pessoas que aplaudiam delirantes em todo o trecho, nas arquibancadas ou atrás delas) e depois voltaram para o carro. Mais tarde, desceram de novo, sempre caminhando apenas em áreas liberadas para isso pelo serviço secreto, onde, em tese, não poderiam ser atingidos por um tiro.

Outra curiosidade que fundamenta a tradição: “O vice presidente não fez discurso nenhum na cerimônia de posse”. Segundo os historiadores a culpa é de Andrew Johnson, que apareceu completamente bêbado quando foi eleito vice-presidente na chapa de Abraham Lincoln. Johnson começou a fazer seu discurso com a voz pastosa e quase desmaiou. A partir desse incidente, os vice-presidentes passaram a se manter mudos na posse – fazem o juramento e só.

Em relação ao discurso de Obama, pôde-se verificar outro rito de transição, ele descreveu o momento que o país atravessa e a disposição exigida para sair da crise ainda mais

fortes e unidos do que antes. Um discurso duro para tempos difíceis. Uma fala sóbria, mas esperançosa. Obama disse: “Digo a vocês hoje que os desafios que enfrentamos são reais. São graves e muitos. Não serão enfrentados facilmente, nem num período de tempo curto. Mais saiba América: serão enfrentados”. Mas que o mundo seja avisado, também, de “que estamos preparados para liderar novamente”. Rompendo a tradição em eventos do tipo, Obama criticou duramente as políticas do antecessor, George W. Bush que, rosto impassível, o observava sentado a poucos metros, acompanhado da família e dos pais. Depois de dizer que rejeitava o falso dilema entre segurança e ideais, num dos momentos mais aplaudidos do discurso, o democrata prometeu não abrir mão da Constituição “em nome da conveniência”, e ainda, foi também o primeiro presidente a usar a palavra “muçulmano” num discurso de posse, e o fez duas vezes.

Um fato marcante na posse de Obama foi que ao iniciar o processo de repetir as 35 palavras faladas pelo chefe da Suprema Corte John Roberts (durante o juramento), Obama adianta-se e começa antes que a primeira frase fosse completada. Então, é a vez de o juiz se atrapalhar. Esses tropeços deixaram algumas pessoas preocupadas na Casa Branca, com medo de que algum questionamento jurídico fosse levantado no futuro. Pelo sim, pelo não, Barack Hussein Obama teve que fazer outro juramento no dia 21 de janeiro de 2009, na Casa Branca. Dessa vez sem pompa, sem bíblia, sem imprensa e, principalmente, sem tropeços do juiz Roberts, que conduziu novamente a cerimônia. Mas, as gafes em juramentos ou ter que refazer o ritual não são uma exclusividade de Obama. Na verdade, vários presidentes já passaram por isso, entre eles Woodrow Wilson em 1917, Dwight Eisenhower em 1957 e Ronald Reagan em 1985.

Outra tradição marcante nos EUA, é a realização de bailes oficiais em honra ao novo presidente, e para Obama foram organizados dez durante a noite do dia 20 de janeiro de 2009 e em todos eles, Obama e sua esposa Michelle estiveram presentes. O presidente dançou, discursou, transmitiu mensagens de fé esperança para seus eleitores, para o povo americano, inclusive para soldados que estão no Iraque. Em um destes bailes, uma mensagem que demonstra bem o espírito do povo americano em relação à Obama:

Nós fizemos os telefonemas, nós assinamos os cheques e agora é hora de comemorar o papel que os voluntários tiveram na eleição de Barack Obama e Joe Biden. “Vamos celebrar o amanhecer de um novo dia nos EUA”. Essa foi a mensagem do Baile do Povo, uma festa em comemoração à posse do presidente eleito. (MELLO, 2009, p.A9).

Ao entrar para a história com o primeiro presidente negro da maior potência do mundo, um país historicamente racista e protestante, **Barack Hussein Obama Jr.**, mais do

que certezas suscita muitas indagações, entre elas a principal é: suas origens multiculturais farão dele um presidente diferente?

“A partir de agora os EUA tem o que nunca tiveram, um presidente que não é branco, não é da elite e isso é mais que a conquista pessoal do Barack Obama. É uma prova de como este país mudou”. (Silva Pinto, Jornal Nacional, 20 jan. 2009).

A eleição e a posse de Obama foram grandes momentos da história.

Que seu governo também seja.

Referências Bibliográficas

DaMATTA, Roberto Augusto. *Como traduzir um ritual: a “posse” de Obama*. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 28 jan.2009, Caderno 2, p.D8.

DAYAN, Daniel & KATZ, Elihu. *Rituels publics à l'usage privé: métamorphose télévisée d'un mariage royal*. Annales: économies, sociétés, civilisations. Paris, 38an., n.1, p.3-20, jan./fév. 1983.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Apresentação de Roberto Da Matta. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 1996.

MELLO, Patrícia Campos. *Casa Branca recorrerá a Obamistas*. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 20 jan.2009, Folha Internacional, p.A9.

RACHMAN, Gideon. *Um caso em que o homem é a mensagem*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2009, Folha Mundo, p. A10.

SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA PINTO, Luis Fernando. *Barack Obama é o 44º presidente dos Estados Unidos*. Jornal Nacional – Rede Globo, 20 de janeiro de 2009).